

DIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

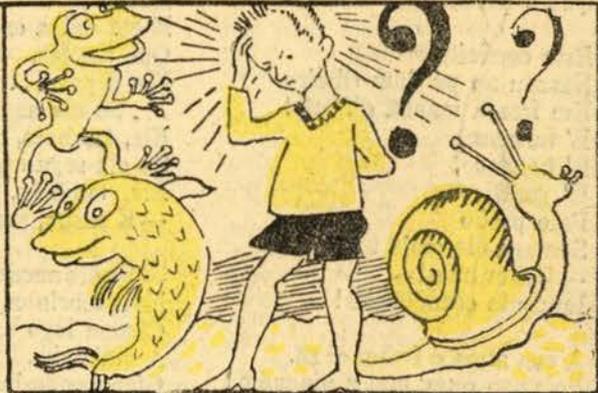
ANO XIII
N.º 627

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECULO

A RESPOSTA DO ZEQUINHAS



I — Na aula de Zoologia,
Diz assim o professor:
— «Atenção, menino Zeca,
oiça cá, faça favor:



II — Se sabe, dê um exemplo
dum mamífero sem dentes
mas não deixe de me dar
respostas inteligentes.



III — O Zequinhas, entretanto,
fica tão apreensivo,
que o nosso bom professor
não sabe qual o motivo.



IV — Mas, de repente, entre todos
que o olhavam, Zeca diz:
— «Conheço dois: — meu avô
e o meu irmão mais petiz.»

O CORDEIRINHO

POR ALBERTO NEVES

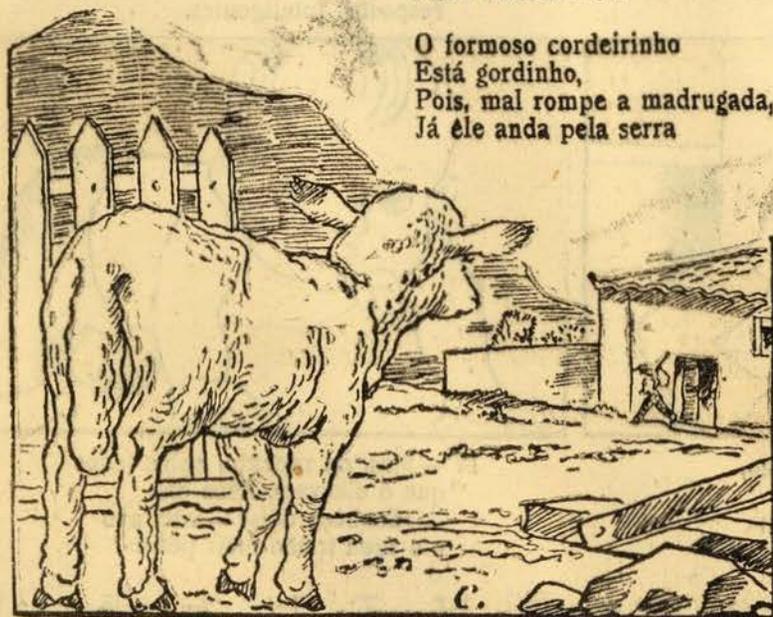
O cordeiro,
Prazenteiro,
É feliz
E maldades nunca faz.

Nunca vai a festarolas;
Passa vida
Só na serra e no curral...
Nunca viu os automóveis,
Nunca viu camionetas,
Combois, bicicletas...
Enfim: — só conhece a serra
E o curral...

— E é só por isso, talvez,
Que o cordeirinho é feliz!

Este cordeiro
Nasceu ao pé dum ribeiro
Em fresca manhã d'Abril!
É' formoso,
É' bondoso,
É' gentil...
Pelo prado
Sempre êle anda atarefado
— Coitadinho! —
Inocente cordeirinho!

A sua alma é fresca e sã,
Pois não quer' mal a ninguém!
A sua pele já tem lâ,
Grande orgulho para a mãe!



No curral,
Vendo-o sorrir,
Põe-se a balir
Ao maioral!
— Dêste, êle é um grande amigo!
... A's vezes, pelo postigo,
Êle espreita
A casinha do maioral;
Só p'ra ter
O prazer
De lá o ver!...

De dia, pelos montados,
Pelos cerrados,
Ou pelos prados,
Nunca da mãe se separa...
E em todos os movimentos,
Que ela faz,
Êle repara...
... Se ela anda para trás
Êle, também, para trás vai...
Se ela segue para a frente
Êle, também, p'rá frente vai...
— E assim, sucessivamente.

— Se êle encontra alguma ervinha
Mais tenrinha,
Chama logo
A mãzinha,
Oferecendo-lhe
O achado...
E ela está mesmo a dizer-lhe:
— «Eu não quero... come tu,
Filho adorado...»

O formoso cordeirinho
Está gordinho,
Pois, mal rompe a madrugada,
Já êle anda pela serra



A comer com apetite:
Tojo, urze,
A folhagem,
A ramagem,
Os arbustos...
Tudo o cordeirinho mastiga!
Por isso quando regressa
Ao curral
Traz bem cheinha a barriga!

... Salta poças e pocinhas,
Invade vinhas
Já vindimadas!
E até pomares também,
Guiado pelo bom maioral,
Segue atrás
De sua mãe...
— E quando o sol
Já começa a esmorecer,
O cordeiro
Logo acaba de correr,
De brincar ou de comer,
Esperando que o maioral
Dê ordem para o rebanho
Regressar
Ao seu curral...

... E êle lá vem, e êle lá vem...
Sempre a dar beijos na mãe!

... É tão meigo o seu olhar...
Que lindo os olhos seus!
Este lindo cordeirinho
É', de certo,
Abençoado por Deus!

F

I

M

«PASSA TEMPOS»

Por MILAU

O Julito esteve muito doente; chegou mesmo a dar sérias inquietações à família.

Agora está melhorzinho mas precisa ter muito cuidado, porque não está completamente curado e a doença pode voltar. — «Cuidado, Julito! — (costumava recomendar o senhor doutor). — Cuidado, para que volte a saúde. Não apanhes muito sol. Não corras muito, que te cansas; essas perninhas estão muito fracas para correrias.»

E o senhor doutor tem muita razão.

O Julito concordava, mas... é tão bom bom brincar à vontade!...

Ouve, meu pequeno: Enquanto não podes ir brincar com os outros, deixa trabalhar a tua cabecinha.

Tens muita razão. Estás aborrecido... Mas, pensa bem: não podes ir hoje, irás amanhã ou noutro dia. Há crianças que são doentes toda a vida, aleijadinhas que não se podem mover, doentes do coração, que não podem dar uma corridinha sem sofrerem grandes faltas de ar, sufocações; pensa na tristeza desses meninos, que vêem as brincadeiras dos outros e não podem nunca — mas nunca! — brincar assim.

E os céguinhos?! Ouvem falar no



céu, no mar, nas plantas, nas flores e não podem ver tantas coisas lindas!

Afinal, és feliz, Julito. Podes mover-te, vês?! E, dentro de pouco tempo, poderás correr, pular!

Quando estás de cama... é aborrecido, isso é. Mas não fiques muito triste, com aquela carinha apouquentada que nós conhecemos, não?

Vê lá se podes entreter-te com alguma coisa. Conta os vidros da tua janela, as prégas das cortinas, as mósas bailando mesmo por cima da tua caminha (olha que as mósas sabem bailar muito bem!). Depois, folheia um livro, pede uma folha de papel, um lápis e uma tesoura, desenha bonecos e recorta-os; quando estiveres melhorzinho e não te doer a cabeça, podes também estudar algumas lições. Não ponhas o tinteiro em cima da cama, que podes entorná-lo; e tem cuidado com a tesoura, não cortes as roupas.

Mas, agora, estás já de pé e passeias pela casa toda, para desentorpecer as pernas, não é assim?

Vais uns momentos à janela e tam-

bém podes sair à rua, com a condição de não apanhar muito sol e não correr demais.

Contenta-te, Julito. Olha que, para princípio, já não é mau!

Quando chega à tardinha, é aborrecido voltar para casa, enquanto os outros meninos ficam ainda a brincar...

Mas pensa que, em breve, poderás brincar livremente. Vai para a janela, entretém-te a vê-los por entre os vidros. Eles foram-se embora? Não estejas assim triste! Levanta a cabeça e olha para o céu: tantas nùvens... repara! E que feitiços engraçados elas tomam!

Ali, dois homens sentados num banco, perfeitamente desenhados e agora junta-se àquela uma outra nuvenzita; mas... é mesmo um petiz, debruçado nos joelhos do homem da direita!

A esquerda, aquelas nùvens parecem muitas árvores; talvez seja um pomar — que dizes, meu amiguinho? — talvez... Pronto, transformaram-se as nùvens, lá se foram as árvores!... Mas além, aí que engraçados!... Uns ciene-

(Continua da página 7)



O SENHOR LUCAS

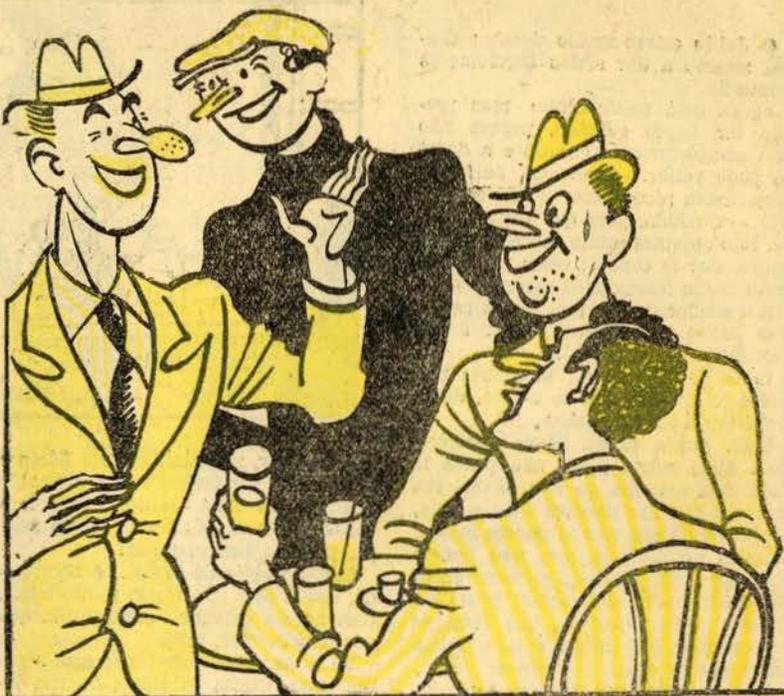
Por ISABEL AREOSA

senhor Lucas era ignorante como a própria Ignorância mas presumia de sabedor, e, por isso, costumava dizer tolices a torto e a direito.

Quando entrava em qualquer conversa em que ele começasse a querer mostrar a sua ilustração, então é que eram elas! Fazia sempre triste figura! Armava em esperto e punha-se a querer saber mais do que os outros.

Uma vez, estava sentado à mesa dum café com um grupo de rapazes e um deles contava algumas das suas viagens, entrecortando-as de observações. Quando chegou à descrição duma viagem que fizera pelo Oceano Atlântico, referiu-se a ela nestes termos:

— «De Lisboa à Madeira são dois dias de viagem e da Madeira a S. Tomé são nove dias consecutivos, em que se viaja sempre rodeado da imensidade do Oceano, sem se avistar a mais pequena língua de terra. Este é o roteiro que fazem os paquetes das nossas companhias de navegação para Angola. Assim foi uma das minhas viagens em que eu tive mais ocasião de apreciar quanto pode a ciência. A divisão do globo terrestre em paralelos, é uma das grandes revelações da inteligência do homem. Com os aparelhos modernos, pode-se determinar o lugar exacto em que o navio se encontra. Foi com verdadeira emoção que transpuz a li-



nha do Equador, lembrando-me de quantos séculos levou a descoberta de que a Terra era redonda.»

O senhor Lucas, que nunca atravessara, sequer, o Tejo para ir a Cacilhas, proclamou, logo, com ares importantes:

— «Já percorri, de lado a lado, todo o globo... Mas sou um homem de coragem. Quando transpuz a linha do Equador não sofri comoção alguma, apesar do violento balanço que o navio deu ao transpô-la.»

Todos deram uma gargalhada, porque, como os meus meninos sabem, a linha do Equador é uma linha imaginária, inventada pelo homem para dividir a terra em duas metades e, portanto, ao passar a linha do Equador, quer por mar, quer por terra, não se pode sentir, porque não existe qualquer diferença de nível.

Doutra vez, o senhor Lucas estava sentado à mesma mesa do mesmo café e com as mesmas pessoas, e um dos presentes dizia:

— «O interior da Terra está a uma temperatura elevadíssima e é estupefanda a pressão que exerce na crosta da Terra. Custa a crer que a Terra possa resistir a essa pressão constante. Eu não me admirava mesmo nada se um dia fôssemos todos pelo ar e o Mundo rebentasse todo com uma violenta e indiscriminável explosão.»

O senhor Lucas estava arrepiado

desde as unhas dos pés à ponta dos cabelos. Quando o outro terminou as suas considerações sobre o interior da Terra, quase sem fala, o senhor Lucas gaguejou:

— «Mas, então... então... sendo assim... nada, nada... Vou já tratar de ir viver para outra parte...»

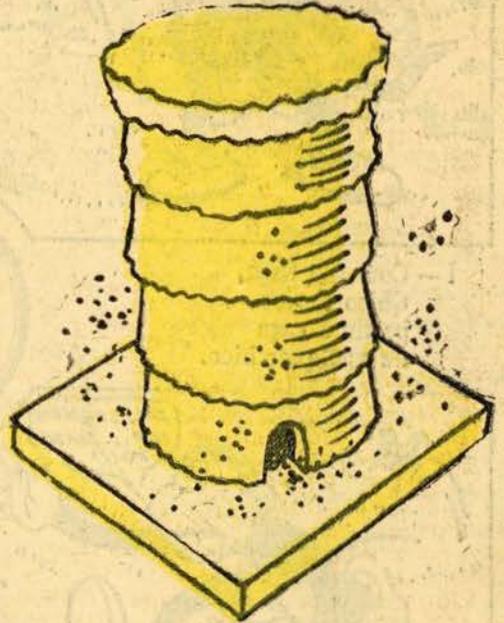
Ora vejam lá os meus meninos! Como se alguém pudesse ir viver para





OS Nossos Concursos

ENCONTRAÍ RIMAS E FIXAÍ CONCEITOS POR JOSINO AMADO



«Cada roca com seu fuso»
Diz um rifão popular;
«Cada terra com seu uso»
Não o deveis igualar

Por isso em terras alheias
E na vossa, ó estudantes,
Crenças, costumes, ideias,
Respeitemos tol.....!

Disse a abelha do cortiço:
— O mel cuido em fabricá-lo,
Porém, muito mais do que i...
Eu cuidarei em p.....!

Sê poupado, evita as iras
Dos reveses neste mundo,
Pois, se não pões, e só t....!
Em breve chegas ao f....!

outra parte que fique fora do Mundo!
Fizeram uma assuada ao senhor Lucas,
que ficou encavacadíssimo.

Doutra vez, o senhor Lucas foi ver
um avião. O piloto recebeu-o muito
amavelmente e andou a mostrar-lhe
todo o interior do aparelho. Levou-o a
ver os camarotes, com duas caminhas
sobrepostas, a luxuosa sala de fumo,
a sala de jantar, a «cabine» da telegra-
fia sem fios, etc.

O senhor Lucas estava embasbacado,
mas olhava para aquilo tudo com ares
entendidos.

O piloto, quando lhe mostrou os
maquinismos, elucidou:

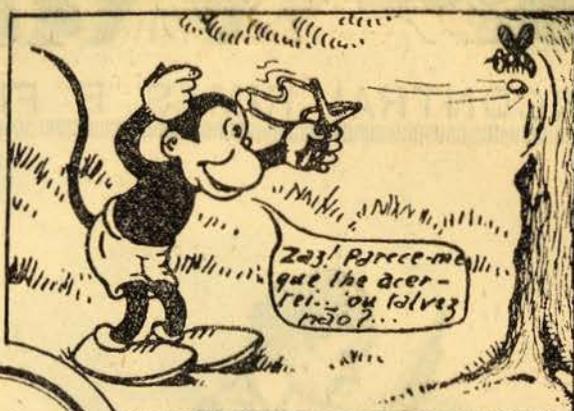


(Continua na página 7)

AVENTURAS DE CHICO LARICO



I — Com sua fisga, Chico Larico partiu à caça de qualquer bico.



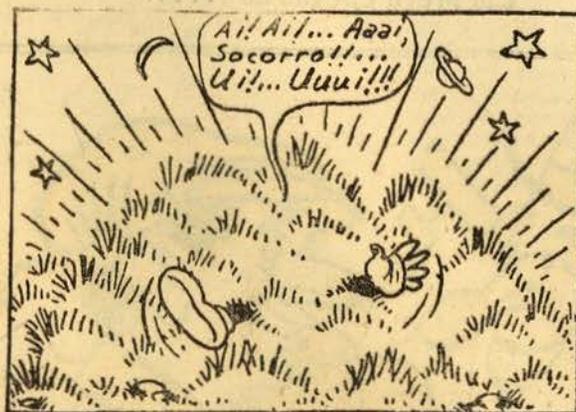
II — Mas, de repente, junto da orelha, ouve o zum-zum de certa abelha.



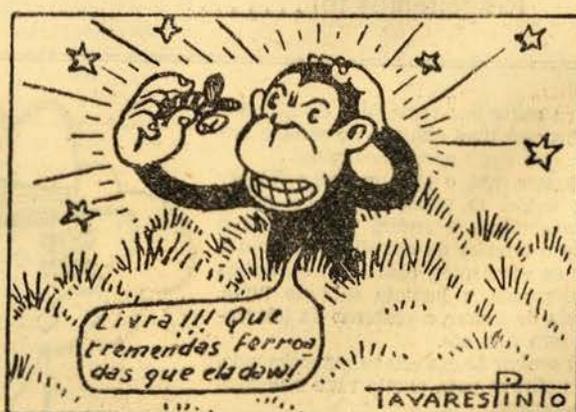
III — Então — ó pernas p'ra que vos quero?... — põe-se a fugir num desespero.



IV — Mas como a abelha é muito afoita, Chico Larico cai numa moita.



V — Por entre os cardos Chico rebola; todo picado fica na «tôla».



VI — A quem a outrem quer maltratar, tais contratempos se podem dar.

HORA DE RECREIO



N.º 31 — III CAMPIONATO

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Por AMÉRICO TABORDA

RESULTADOS DO N.º 24

DECIFRAÇÕES

1 — Cabala; 2 — Amor; 3 — Fúcaro-furo; 4 — Pacato-pato.

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

N.º 3 — Dália de Jesus — 11 votos
N.º 2 — D. Bibas — 6 votos

N.º 4, 1; n.º 1, 2; abstenções, 1.

DECIFRADORES

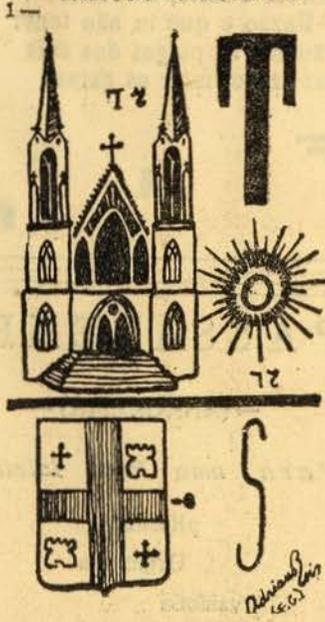
QUADRO DE HONRA

Pimpim, Zé de Argemil, Jorge Pereira, Pipocas, José Antunes Baptista, Jaime Ferreira, João d'Almeida, Armando Jorge, Nélio Arita, Tomi-gas, Renato, Rodrigo Paulo, Fred Cachimbeque, Artur de Melo Cabral, Sob-Chávena e Ezeo Pais.
(Totalista)

QUADRO DE MÉRITO

J. Guelhas, Homem-Sombra, Delca, Crisante Taborda, Sandú Alfredo Matos Boavida, António Freire e Rex, 3

ENIGMA PITORESCO



CHARADAS EM VERSO

Uma fila de bandidos — 2
O meu rebanho assaltou — 2
Meus dias foram perdidos
Hoje à mingua, o presso estou

António Freire

NOVISSIMA

3 — Foi a governanta quem destinou o nome para este homem. — 2-1.

Armandino

SINOPADAS

4 — E's do mar, mas não és meu irmão! — 3-2.

A. Seravat

5 — Eu lido com desvelo quanto trato das plantas — 3-2.

Américo B. Fernandes

6 — Nesta secção, só é louvado aquele

O SENHOR LUCAS

(Continuação da página 5)

— «O motor é da força de oitocentos cavalos.»

O senhor Lucas, para se fazer conhecido, perguntou logo:

— «E são cavalos «puro-sangue?»»

Os aviões têm umas máquinas que accionam uma hélice e são as rotações da hélice que o fazem subir e andar no espaço.

Mas calcula-se pelo termo de «cavalos» a força de certos motores. Assim, diz-se que um automóvel é da rotência de 40 cavalos, enquanto há outros menos possantes, cuja força é apenas de 30 cavalos ou menos.

Calculem, portanto, os meus amiguinhos, a cara do piloto!

Quando o senhor Lucas se despediu do piloto, disse-lhe:

— «Muito prazer em conhecer V. Ex.ª...»

Ao que o piloto respondeu, com a maior cortezia:

— «Igualmente. Não tenho, porém, o gosto de saber o nome de V. Ex.ª»

— «Lucas... um criado ás suas ordens.»

— «Lucas?!»

— «Exactamente, sou Lucas.»

— «Ah! Eu logo vi!» — concluiu o piloto.

que houver conquistado o seu lugar, por completo! — 3-2.

Artur de Melo Cabral

ELECTRICAS

7 — Este compartimento está cheio de renques. — 2.

Alfredo Matos

8 — Corre como uma flecha mas não o prendas antes de tempo. — 2.

NOÇÕES DE CHARADISMO

(Continuação)

Escolhidos estes, os quais constituirão a decifração, basta fazer o que se tem feito para as modalidades anteriores: procurar no dicionário (e nunca na memória), palavras sinónimas ou seus significados. E temos então:

Trabalho — lida
o que dá — dados;
batalhador — lldador.

A frase poderá ser:
O trabalho é o que dá glória ao batalhador pela vida. — 2-2-3-1.

Como sempre, os algarismos, no final, indicam o número de sílabas dos termos a procurar. Quanto a este, nesta modalidade, a decifração é igual à soma das parciais menos 1.

Outros exemplos:
Suspensa a armadilha deste muro — (2-2)-3.

Decifração: Parede.

O enredo não foi preparado em segredo para ser contrariado — (3-3)-5.

Decifração: Entrechocado.

António Pequeno

«PASSATEMPOS»

(Continuação da página 3)

ses, com os seus chapelinhos bicudos e os seus rabichos, parecem cumprimentar-nos, enquanto, mais ao longe, aparece uma mulherzinha gorda, com um grande carrapito e trazendo uma cesta no braço.

Que tal, Julito?! Aposto que ainda vais desenhar num caderninho, todos os feitiços que tomaram aquelas núvens caprichosas, que tanto nos distraíram.

Depois, para a caminha! Dorme bem toda a noite, porque, amanhã, se estiver bom tempo, irás mais um bocadinho para a rua.

Mas, vê lá, meu petiz!...

Como diz o senhor doutor...

— «Cuidado, Julito! Cuidado com essa saúde!»

Razões diferentes

Por LAURA CHAVES



Era um senhor cachorrinho que tinha um palmo de altura, pelos brancos no focinho, e, no resto do corpinho, pelagem de cor escura.

— Como hei-de ter alegria com esta coisa ferrada!

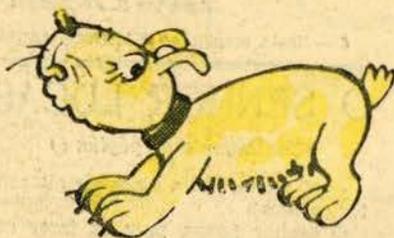
catou muito bem o cão até a pulga matar.

Andava muito lavado, tinha este nome: «Pimpão». Com coleira e perfumado, o cachorrinho amimado, mal punha as patas no chão.

E, sem deixar de ganir, coça, coça, coça, coça, até sua dona vir, que desatou logo a rir fazendo uma grande troça.

Nisto, o gato, na cozinha, miou, em grande escarcéu. Por roubar gorda sardinha iam-lhe partindo a espinha com o cabo dum chapéu.

Um dia, o que aconteceu! mas que percalço maldito! Uma pulguinha saltou e no pêlo se embrenhou da barriga do canito.

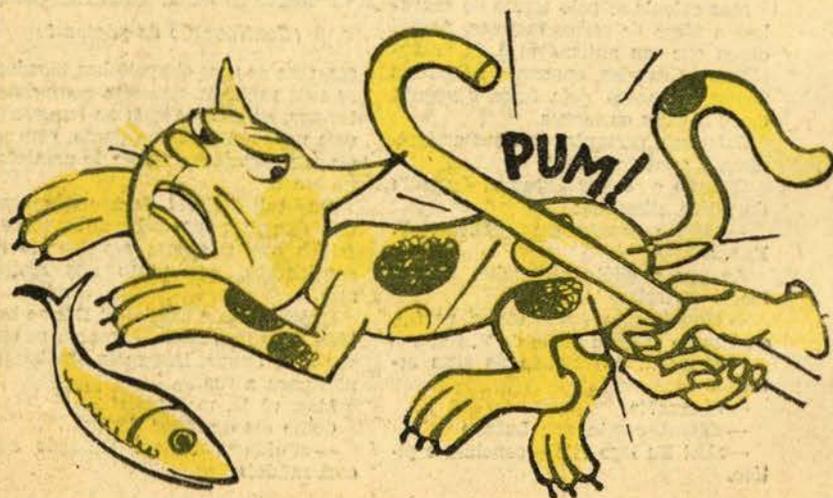


E o cachorro, repimpado, quando disso ele deu fé, rosnou, muito impressionado: — Pobre do gato, coitado, aquilo é pulga, ó se é! ...

Este, que tão bem vivia, vai, sentiu uma picada, e ganiu, em berraria:

— Vejam lá este pimpão que uma pulga faz chorar! É, pegando nêle, então,

— Olha com o que tu vens! — palrou, o loiro, o «Pilatos»: — Razão é que tu não tens! Não são as pulgas dos cães que fazem miar os gatos!



F I M

PASSATEMPO

— (ANAGRAMA) —

Para uma Rosa toleirona

pResumida

Orgulhosa

vaidosa

invejosa